

“PENSADORES - MEMÓRIAS SOCIAIS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE UM JOGO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Frederico Henrique Galves Coelho da Rocha¹

Renata Torres²

Ana Cristina Alves Oliveira³

Resumo

Este trabalho foi concebido a partir das indagações sobre o ensino de sociologia e a realidade sociocultural dos sujeitos no município de Goiânia, em que se percebeu a necessidade de um material que vise uma educação emancipatória e autônoma, capaz de relacionar teoria e prática. Com este objetivo foi elaborado um material de apoio pedagógico, educativo e lúdico, a saber, um jogo de cartas estilo trunfo, denominado “Pensadores: memórias sociais”. Foram utilizados temas e autores/as majoritariamente invisibilizados na educação e sociedade em geral, traçando debates acerca do conhecimento científico e dos saberes tradicionais nas sociedades atuais, pensando a sua função e tradução para os espaços de educação básica, reconhecendo que a estrutura atual de ensino se baseia em uma educação bancária, neoliberal

1 Professor Adjunto de Sociologia na Universidade Federal de Goiás - UFG.: e-mail: fredericohenrique@ufg.br;

2 Graduanda em Ciências Sociais - Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás. Email: renatasousa@discente.ufg.br

3 Graduanda em Ciências Sociais - Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: <ana_cristinaalves@discente.ufg.br>

e fragmentada, não reconhecendo o sujeito e suas particularidades. Foram selecionadas cinco temáticas principais para serem aplicadas no desenvolvimento do jogo pedagógico: educação, classe, gênero e sexualidade, relações étnico-raciais e violência. O desenvolvimento do jogo implementou-se a partir de uma inspiração do jogo de cartas “trunfo”, que possui eixos temáticos em todas as cartas e a quantidade de pontos para cada eixo, conforme domínio de cada autor em tal eixo. Cabe salientar, que as cartas do jogo não foram pensadas na perspectiva de competição e sim na perspectiva da troca, complementação e contextualização do conhecimento. A proposta é que assim como se constrói um referencial teórico com diferentes autores para o desenvolvimento de uma pesquisa, os estudantes fossem desafiados a utilizarem diferentes cartas, juntando diferentes autores/as para se pensar a intervenção social e pedagógica diante de conflitos e situações problemas enfrentadas pelos próprios sujeitos em seu cotidiano.

Palavras-chave: Memórias Sociais. Diversidade. Tradução de saberes. Sociologia. Educação básica.

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do interesse que emergiu a partir das indagações sobre o ensino de sociologia e a realidade sociocultural dos sujeitos no município de Goiânia, em que se percebeu a necessidade de um material que vise uma educação emancipatória e autônoma, capaz de relacionar teoria e prática, criando-se, assim, a práxis, abordando os problemas sociais enfrentados pelos próprios estudantes para que consigam se reconhecer no seu contexto social e transformar a sua realidade. Com este objetivo foi elaborado um material de apoio pedagógico com teor informativo, educativo e lúdico, a saber, um jogo de cartas estilo trunfo, denominado “Pensadores: criando memórias sociais”.

Buscou-se por meio da proposta do material de apoio pedagógico mencionado, proporcionar o reconhecimento do sujeito em sua plenitude. Para essa finalidade se utilizou de temas e autores/as majoritariamente invi-

sibilizados na educação e sociedade em geral, traçando debates acerca do conhecimento científico e dos saberes tradicionais nas sociedades atuais, pensando a sua função e tradução para os espaços de educação básica, reconhecendo que a estrutura atual de ensino se baseia em uma educação bancária, neoliberal e fragmentada, não reconhecendo o sujeito e suas particularidades.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na disciplina de Laboratório de Pesquisa Aplicada à Educação. Ocorreu presencialmente durante o semestre, com vários temas que competem a diferentes problemas sociológicos e educacionais, enfrentados pela comunidade e seus membros, fazendo parte desse trabalho final um grupo com cinco integrantes⁴. Realizou-se a partir de diálogos e discussão de leituras, vivências acadêmicas e particulares, e, por fim, a separação das temáticas a serem desenvolvidas no trabalho final.

Foram selecionadas cinco temáticas principais para serem aplicadas no desenvolvimento do jogo pedagógico: educação, classe, gênero e sexualidade, relações étnico-raciais e violência. Cada integrante responsável selecionou três autores(as) que não são usualmente mencionados em materiais didáticos, mas que possuem grande relevância na produção do conhecimento no campo das ciências sociais internacional e brasileira. Assim foi possível trabalhar de acordo com o eixo temático escolhido, compreendendo a interseccionalidade de temáticas de pesquisa dos/as/es autores/as. O desenvolvimento do jogo implementou-se a partir de uma inspiração do jogo de cartas “trunfo”, que possui eixos temáticos em todas as cartas e a quantidade de pontos para cada eixo, conforme domínio de cada autor em tal eixo. Cabe salientar, que as cartas do jogo não foram pensadas na perspectiva de competição e sim na perspectiva da troca, complementação e contextualização do conhecimento. A proposta é que assim como se constrói um referencial

4 Ana Alice De Sousa, Ana Cristina Alves Oliveira, Brunno Cleito Araujo de Miranda, Renata Torres de Sousa, Vitória Soares Pereira, graduandos em Ciências Sociais - Licenciatura - UFG, 2022.

teórico com diferentes autores para o desenvolvimento de uma pesquisa, os estudantes fossem desafiados a utilizarem diferentes cartas, juntando diferentes autores/as para se pensar a intervenção social e pedagógica diante de conflitos e situações problemas enfrentadas pelos próprios sujeitos em seu cotidiano.

Para aprofundamento de conhecimento dos usuários do jogo pedagógico foi introduzido um QR Code atrás das cartas para divulgação científica. A adaptação teve por objetivo facilitar o acesso ao conteúdo do material para estudantes, professores ou até mesmo pessoas fora desse núcleo.

O material produzido para além de cartas informativas, tem o objetivo de trazer conhecimento científico no campo das ciências sociais em uma linguagem mais acessível para os temas tratados pelos/as autores/as, sendo ainda, lúdico, divertido e atrativo por conta das cartas. Acompanha ainda um livreto. Implementamos descrições pequenas no qual tivessem informações sobre os/as autores/as, outra sobre sua pesquisa naquele eixo temático escolhido e principais obras. Em algumas páginas é possível localizar algumas maneiras de se utilizar tal material, uma das ideias foi que os professores distribuíssem as cartas para os alunos/as e solicitasse a estes que pesquisassem sobre e a partir disso, produzindo desde trabalhos em formatos de vídeos ou escritos.

Em suma, o trabalho baseou-se nas possíveis dificuldades que os professores podem encontrar para trabalhar os temas em questão, além de abranger novas possibilidades de autores não canônicos, e ao mesmo tempo, trabalhar a autonomia para conhecimento dos sujeitos, dialogando com a concepção do Freire, na qual o professor educa e se educa no processo de ensino e aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta do desenvolvimento do material didático foi elaborada pelos próprios estudantes na disciplina de Laboratório de Pesquisa aplicada à Educação no âmbito do curso de Licenciatura da UFG. Na disciplina problematizou-se acerca das propostas de educação, refletindo sobre que tipos de diálogos e fontes podem fundamentar a junção da teoria e da prática na

educação. A partir da proposta de leitura da obra *Pedagogia da Autonomia* do autor Paulo Freire, dialogando com outras leituras acerca do ensino de sociologia na educação básica construiu-se uma aproximação das práticas educativas em sociologia de extrema importância para guiar diversas reflexões e discussões sobre a educação e suas possibilidades.

Ao experienciar o lúdico das cartas colocamos a educação como uma prática mais fluida e menos maçante para os alunos (as), o mesmo facilita o processo de desenvolvimento social e cultural, contribuindo com a construção do conhecimento no dia a dia. É nesse viés que o produto apesar de servir como apoio pedagógico para educadores, o maior foco foi com que fosse também um material didático de acesso livre tanto para a comunidade científica acadêmica, quanto para a sociedade, visto que foi empregado na intencionalidade de linguagem de fácil acesso.

A vivência nas reuniões de planejamento do material tornou possível pensar possibilidades de ação, motivadas pela aspiração da própria docência e pela reflexão crítica das dificuldades e resistências enfrentadas na prática docente no ensino básico em Goiás e no Brasil. Foi pensando nas situações escolares e com foco em mediar o engajamento dos alunos/as com os estudos sociais que surgiu a ideia da produção de divulgação acadêmica de maneira interativa. Ao escolher autores não canônicos das ciências sociais pensamos em suas produções como não inseridas completamente em uma lógica ocidental, portanto, acessando outros debates que muitas vezes são negligenciados dentro da órbita acadêmica. Nesse sentido, adequando sentido para estudantes e professores, com foco na realidade da educação pública brasileira. Como afirma Lahire (1997) que considera que o desempenho e os comportamentos da criança só podem ser compreendidos por meio de uma reconstituição da rede de interdependências familiares por meio da qual foram construídos seus esquemas de percepção/julgamento/avaliação, e da maneira pela qual estes esquemas reagem ao serem postos em funcionamento nas formas escolares de relações sociais. A lógica de linguagem, como também um movimento de acessibilidade de conhecimento dentro do espaço de aprendizagem, busca facilitar a interiorização das demandas escolares ao interligar a coexistência dos costumes e carências educacionais

ao propiciar a pelo menos algumas exigências do colégio em determinada disciplina.

Adentrar ao debate da tradução de saberes na aplicação de uma didática emergente, faz necessário repensar as práticas curriculares na nova conjuntura neoliberal como projeto educacional básico, como também a construção curricular dos cursos de graduação. Não distante, partindo de tal realidade, que fortaleceu os principais debates e traz hoje para a ciências sociais uma característica pouco comum, que é o fortalecimento da sociologia na educação básica. Tratar nesse relato o currículo é relatar parte do experienciar na construção do material produzido, pois, se não fosse pelas dinâmicas da disciplina de laboratório de pesquisa aplicado à educação, o ato de enxergar o ensinar como uma atitude que exige riscos do próprio pensar no que tange ao novo, como aceitação (FREIRE, 1996) para trabalhar novas emergências educacionais, não seria possível.

Nessa perspectiva dá coragem para os desafios contemporâneos que são demandados de novas construções/atualizações sociais, a constante atualização da aplicação didática na esfera acadêmica para a formação de professores, foi uma das preocupações ao pensar estratégias de aplicação para a complexidade da estrutura cultural que é a escola, em que permeia várias realidades e contradições sociais. Apoiando-se nisso, e permitindo-se indignar com a frente ampla que está sendo desmobilizada e precarizada na educação que vem sendo fruto de uma atividade educacional neoliberal que investe em *vouchers* da desigualdade (Friedman, 1985; Chubb & Moe, 1990), nesse sentido, que, procuramos não somente indignarmos, mas também procurar frente de ação comprometida com o objetivo de transformar tal realidade, de maneira engajada, comprometida e esperançosa. (HESSEL, 2011). Em detrimento de tal abordagem, pensar a lógica dos jogos, requer pensar, sobretudo, nos indivíduos que vão acessar o material, mesmo que por objetivo seja torná-lo de acesso a qualquer pessoa, sendo assim, o jogo é um objeto cultural como afirma os autores Salen e Zimmerman (2017) e Huizinga (2019), nessa perspectiva cultural, o círculo mágico formado na experiência de jogar um jogo com interação lúdica, leva o indivíduo a limiares, que em vias de exemplificação, ao quebrar regras, jogadores deixam de serem jogadores para serem designs do jogo. Assim como a escola e as condições reais,

que os jogos também podem refletir ideologias, assim como também pode ser espaço de potencializar a partir do lúdico, o pensamento crítico.

O material produzido, desde o início foi planejado na lógica de atender demandas sociais e respostas aos problemas sociais que estão intrinsecamente ligados à rotina. Por motivação, escolhemos produzir algo que trabalhasse os marcadores sociais da diferença, foi considerado as singularidades presentes em indivíduos de um mesmo grupo (LAHIRE,1997). Por objetivo, espera-se que os saberes desses autores sejam construídos na prática comunitária, fazendo com que suas experiências sociais sejam levantadas, e conseqüentemente discutidas (FREIRE, 2019). Tais objetivos, direcionaram adaptar o que antes era cartas informativas, em um jogo, que os indivíduos pudessem solucionar problemas sociais na utilização das/dos autores colocados, para contornar, o lúdico para a experiência crítica, está na transposição teórica, em que, posto um desafio, os integrantes do jogo são engajados a procurar uma solução nos autores postos.

O DESAFIO DA TRADUÇÃO DE SABERES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Desde o princípio não era uma meta transferir uma competição entre autores, pois consideramos todos de grande importância para a construção da opinião crítica, é intencional construí-los de maneira que não diminui importância de um e aumente de outra/o, para que atinja o imaginário de que se deve e pode, abraçar todas as teorias colocadas. Foi empregado tal engajamento partindo da solução em si aos problemas sociais e ter a quem recorrer para compreender os mesmos. Sendo assim, pensar a educação como movimento de construir e desconstruir, é que buscamos sempre um caráter transformador, libertador e engajado na tradução desses saberes sociais, e se pensar a partir de tal perspectiva, nos permite pensar o movimento do engajamento, como coloca Bell Hooks;

Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pres-

supõe que todas as vozes podem ser ouvidas (Hooks, 2020, p. 83).

Para Hooks, a utilização da conversação em sala de aula, fomenta compartilhamentos de ideias entre estudantes de suma importância para o movimento dos afetos, em que tal diálogo evita competição e cria-se uma esfera de transformação e possibilita o espaço que o outro ocupa. Nessa linha de pensamento, procuramos nesse jogo, fazer dele um material de apoio pedagógico que para além de atingir a sala de aula, atinja também para fora dela, pois é visto potencial de transformar a realidade das pessoas.

O DESAFIO DA ATUALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalhar com perspectivas não canônicas no ensino básico se mostra de suma importância, para o desenvolvimento do pensamento crítico e uma prática de educação da transformação da realidade dos sujeitos, é desconstruir e lutar com um sistema de visão que se volta majoritariamente ao estudo das teorias eurocêntricas e em sua grande maioria composta por homens. Diante disso, pensar a realidade do sujeito a partir de outras perspectivas, trabalhando temas atuais com autores/as que se aproximam mais das realidade e vivências dos/as estudantes, pode relevantemente contribuir na experiência formativa dos/as estudantes do ensino médio.

Haja vista que se costuma construir as reflexões no processo de ensino-aprendizagem com base em teorias que são fruto de uma realidade exportada de outros países (euro), de outras culturas e portanto, muitas vezes distanciada do mundo concreto dos/as estudantes. Nesse sentido, adequando sentido para estudantes e professores, com foco na realidade da educação pública brasileira. Como afirma Lahire (1997) que considera que o desempenho e os comportamentos da criança só podem ser compreendidos por meio de uma reconstituição da rede de interdependências familiares por meio da qual foram construídos seus esquemas de percepção/julgamento/avaliação, e da maneira pela qual estes esquemas reagem ao serem postos em funcionamento nas formas escolares de relações sociais.

Ao escolher autores não canônicos das ciências sociais ou que dialogam com problemas sociais, pensando em suas produções como não inseridas completamente em uma lógica ocidental, pretende-se demonstrar que apesar do ideal hegemônico de conhecimento ter se tornado dominante, trata-se de uma perspectiva e portanto não é única e nem universal, possibilitando acessar debates que muitas vezes são negligenciados e marginalizados no contexto da órbita acadêmica.

Assim, pensar a realidade do sujeito a partir de outras perspectivas e contextos, mais próximas da realidade dos estudantes de ensino médio brasileiro oportuniza trabalhar temas atuais com possíveis autores próximos de suas realidades e vivências, podem ser fatores que promovem maior envolvimento do educando com o processo de ensino-aprendizagem por fazer mais sentido com o conhecimento obtido através de suas experiências.

Sendo assim, a presente proposta é uma prática pedagógica fundamentada na diversidade de pensamentos e perspectivas, apresentando e utilizando autores/as que questionam ou constroem novos pensamentos, conceitos e abordagens de temas sociais e por isso, por vezes são silenciados dentro da escola, tornando-se a escola uma instituição reprodutora de preconceitos e discriminações. É diante desta problemática, que idealizamos a própria escolha de autoras/es não canônicos que trabalham com temas importantes e atuais.

Para cada eixo temático, buscou-se introduzir autores cruciais, que debatem uma educação para a diversidade, pelo reconhecimento do outro e dos “subalternos”, mostrar à juventude que pessoas com histórias parecidas com a deles estão ocupando ou ocuparam a academia, indo além, construindo conceitos, pensamentos, lutas e resistências, seria uma forma de mostrar que o conhecimento produzido por esses sujeitos é uma forma de transgressão da realidade imposta.

Para exemplificar, foram contemplados alguns autores/as, tais como: Marta Quintiliano que ao dialogar sobre linhas de interseccionalidade como mulher, quilombola, negra, traz um nova forma de pensar o afeto da população negra e redes de afeto, negra, negra quilombola e indígena, isso em diálogo com autoras/es indígenas, mostrando não só o papel da luta e da resistência ante o sistema dominante, mas também a relevância do amor

e das redes de apoio que esses grupos constroem, como aponta Marta, “O amor cura, transforma, recria e cria redes de afetos, indígena, trans, gays, lésbicas afetivos” (QUINTILIANO, 2019, 82)

Dessa forma, a pensadora Marta desenvolve a reflexão sobre a falta de afetos dos povos negros, e com isso, trabalha o resgate dos afetos, mostrando assim, a importância de trazer pensadoras/es não somente canônicos para dentro dos muros da educação básica.

Além de contar com outras/os autoras/es alguns irão discutir gênero, um assunto velado por muito no ensino médio, assim anulando corpos e sexualidades tidos como “diferentes”, principalmente no cenário político e ideológico brasileiro, além do fato da dificuldade de encontrar pensadores cânones discutido no âmbito do ensino médio, porém se faz uma discussão de urgente necessidade, pois esses sujeitos são vítimas de extrema violência em uma sociedade que produz e reproduz preconceitos, a educação pode ser libertadora e nesse sentido, um espaço para fomentar o combate diante aos preconceitos, mas é necessário se fazer com uma educação crítica e reflexiva carregada de intencionalidade transformadora.

Em diálogo com a autora Jaqueline Gomes, que discute e reflete a questão de gênero no âmbito social

Entretanto, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado”. Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são “naturais”, totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social. Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social. (GOMES, 2012, p.8)

A partir disso, a autora trabalha com a concepção de identidade masculina ou feminina, constrói-se socialmente, não sendo o gênero determinado puro e simplesmente de acordo com a biologia. Desta forma, mostrando a necessidade de discutir sexualidade e gênero para além dos muros da ins-

tituição, os próprios alunos/as são interpelados por essas questões, pois a escola é confrontada com os problemas sociais, dessa maneira, o conhecimento e representatividade de todas/os autoras/es escolhidos ajudam as alunas/os/ do ensino médio refletir, agir e transformar sua realidade, pois não somos sujeitos determinados. Nesse sentido, Freire aponta “Significa que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável.” (FREIRE, 1996, p.10).

É necessário apresentar e ensinar de uma forma correta com novas ferramentas fomentadoras da diversidade das produções do conhecimento, partindo dessa premissa, o jogo dialoga com autores/as/las, *Kazumi Sassaki, Jaqueline Gomes de Jesus, Achille Mbembe, Alba Zaluar, Marta Quintiliano*, demonstrando que é possível uma mudança de narrativa e perspectivas no ensino-aprendizado dos sujeitos.

Portanto pensar a educação, requer intencional processos de mudanças que se efetivam todos os dias no mundo, a resistência da abertura para o reconhecimento e mudança das narrativas no âmbito escolar, faz notar a necessidade de que a escola esteja em movimento, assim como no mundo jamais cessa a mudança, a escola que é uma instituição social deve todos os dias desconstruir-se e reconstruir-se.

Sendo assim, a escola precisa “esperançar” com o Paulo Freire, tecer afetos como os apontados por Marta Quintiliano, questionar as definições de gênero como faz Jaqueline Gomes, oferecer a educação inclusiva como ressalta Kazumi Sassaki. É necessário uma flexibilidade e uma responsabilidade com o outro envolvido no processo de ensino-aprendizagem, nesse sentido, o livro *Composto Escola: comunidade de sabenças vivas* aponta

[...]Manter a escola funcionando ≠ Deixar a escola funcionando. Estas sentenças, cuja operação é a diferença, não são a síntese e nem o eco inaudito do espaço, se não sua própria maquinação política. Dois verbos, dois modos de pensar o funcionamento da escola e o seu projeto político pedagógico. no dicionário, manter o verbo presente na primeira sentença pode ser lido como “fazer ficar em uma determinada posição, estado ou situação “. Obedecer a alguma coisa por dever. Etimologia: latim vulgar *manutenere*, de *manus*, -us, mão +*teneo*, -ere, ter,

segurar". Segurar na mão e assegurar, portanto, que as coisas continuem como estão. Reitera, num gesto conservador, a cartilha. Manter é da ordem da propriedade e do domínio. Noutra direção "mover-se para fora de." Uma escola que se move para fora dela. Deixar, é, aqui um sopro de liberdade.(FIRMEZA, 2022, p.28)

Portanto, esses/as autores/as discutem, a sala de aula, fora de uma lógica hegemônica, tem potência para ser um sopro de liberdade, promovendo mudanças no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos, transgredir a lógica do sistema bancário, neoliberal e mercadológico, sendo uma prática pedagógica que se constitui enquanto um sopro de liberdade e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho apresenta resultados qualitativos, visto que se trata da observação e relato de experiência documentando o processo de construção do projeto e protótipo, em que foi priorizado na perspectiva de construir um material resultante de pesquisa acadêmica, uma tradução acadêmica para a comunidade externa. Nesse sentido, é traduzido um relato de como foi a experiência dos discentes de construir tal material e suas discussões e motivações para o desenvolvimento do protótipo de apoio pedagógico. Em suma, a produção do material pedagógico foi profícua por proporcionar uma reflexão crítica sobre o exercício de tradução de saberes acadêmicos para o espaço escolar e o lúdico em consonância com teorias da educação e sociologia da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Filosofia dos valores e Educação em Nietzsche**. Educação Temática Digital, 2010. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-212199>. Acesso em: 02 maio. 2023.

DALLA DÉA, V.H.S. ; BANDEIRA, A. ; ROCHA, C. **Se inclui** : formação docente para inclusão e acessibilidade. 2. ed. Goiânia: CIAR/UFG, 2020.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012.

FERRAZ, Ana Paula C. M; BELHOT, Renato Vairo. **Taxonomia de Bloom**: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, 2010.

FIRMEZA, Yuri. (org). **Composto escola: comunidade de sabenças vivas**. São Paulo: N-1 Edições, 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FRIEDMAN, Milton. O papel do governo na educação. In: FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*: Artenova, 1977, p. 79-95.

HESSEL, Stéphane. *¡Indignaos!* Um alegato contra la indiferencia y a favor de la insurrección pacífica. Prólogo José Luis Sampedro. Destino, 2011

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico*: sabedoria prática; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**. A questão de gênero na escola. São Paulo, Revira-volta, 2016.

QUINTILIANO, M. . **Política de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da UFG**: uma proposta de seleção decolonial. 2017.

SALEN, K.; ZIMMERMAN, E. *Regras do jogo: fundamentos do design de jogos*. São Paulo: Blucher, 2017. v. 4.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro, Vozes, 2009.